

O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO PEDAGÓGICO E ADMINISTRATIVO

Silvânia Santana Costa¹
(UFS/UNIT/NEAD)

RESUMO

É inegável o avanço tecnológico, o quanto ele produz efeitos promissores para a melhoria e o desenvolvimento humano. Podemos elencar diversos benefícios em todos os setores da vida humana com o uso constante das Tecnologias da Informação e Comunicação. Elas proporcionam as facilidades ansiadas pela vida moderna a partir do encurtamento do espaço e do tempo. Também, percebemos que os obstáculos entre a distância e o tempo são quebrados, os longínquos territórios são conhecidos em tempo real. Além disso, o diálogo assumiu uma velocidade incrível. Diante disso, os profissionais da educação não podem ficar inertes a perspectiva de utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no ambiente educacional. A Resolução CNE/CP de 2002 e o Plano Nacional de Educação estabelecem as Diretrizes dos cursos de formação para professores versando sobre o preparo e domínio para a utilização de tecnologias da informação e comunicação. Evidente que ao falar de uso das Tecnologias da Informação e Comunicação pensa logo no uso pedagógico, no entanto sua aplicação no contexto escolar deve ser mais ampla, abrangendo também a parte administrativa. Diante disso, o presente trabalho pretende refletir sobre a utilização das tecnologias da informação e comunicação tanto no âmbito pedagógico como administrativo, para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica, evidenciando também que a gestão escolar tem um papel fundamental na inserção das tecnologias na escola, ela em parceria com os outros elementos construtivos da escola, deve proporcionar a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação, tanto a nível administrativo, como pedagógico. Assim, gestores e docentes devem assumir uma postura crítica e aberta diante das mudanças que ocorrem na sociedade, lembrando que não podemos negar que o homem é um produto do tempo histórico no qual está inserido.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação; professores; gestores.

1 Coordenadora de Estágio dos cursos a distância da Universidade Tiradentes (UNIT/NEAD). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialização em Magistério Superior pela Universidade Tiradentes (UNIT). É Membro do grupo de Pesquisa em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais e práticas escolares (UFS). E também do GET (Grupo de Estudos do Tempo Presente). Mestranda em Educação no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, tendo como orientadora a Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas E-mail: silandsan@gmail.com.

Tedesco (2004, p. 17) evidencia alguns elementos que caracterizam a sociedade do futuro e sua mudança de pensar sobre o mundo que a rodeia. Para isso, descreve três áreas que proporcionou essa mudança de mentalidade ao longo da trajetória humana: o modo de produção, as tecnologias da comunicação e a democracia política.

Os padrões de produção e organização do trabalho modificaram-se em decorrência dos avanços tecnológicos, do processo de globalização e da competição desenfreada. Anteriormente, com base nos modelos taylorista e fordista a divisão do trabalho aparecia nítida. No modelo de produção de massa, o trabalho manual diferenciava-se da produção intelectual, ocasionando a separação dos que efetuavam de forma mecânica as instruções daqueles que pensavam.

Na contemporaneidade, percebe-se que as transformações decorrentes do setor produtivo parte do princípio de evitar o desperdício, eliminando a visão de produção em massa e voltando-se para uma dinâmica prioritária do controle de energia, tempo, materiais e mão-de-obra humana.

O modelo de produção de massa é substituído pela produção para o consumo diversificado. A diversificação de produtos permite atender as necessidades de diferentes clientes. Este tipo de produção denominado de “enxuta”, que ao invés da produção empurrada para o cliente, esse “puxa” o produto, desencadeia de maneira sutil, alterações na formação dos indivíduos.

O novo modelo produtivo pautado no consumo diversificado requer uma homogeneidade, mas permite aos elementos envolvidos nos setores do processo de produção a participação inteligente nas decisões e a inserção do pensamento lógico ao invés da execução mecânica.

Diante desse quadro de produção e inovações, o novo mercado exige pessoas qualificadas não tecnicamente, mas capazes de tomar atitudes, gerenciar e solucionar problemas. Essa postura profissional volta-se para o desenvolvimento de habilidades e competências que possibilitem à tomada de decisões, a reflexão, a criatividade, o uso dos meios informativos, automáticos, o trabalho em grupo, a utilização de ferramentas cognitivas que permitam o aprender constante. Podemos constatar que:

o acesso ao conhecimento científico e técnico sempre teve importância na luta competitiva; mas, também aqui, podemos ver uma renovação de interesse e de ênfase, já que, num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades e de sistemas de produção flexíveis (em oposição ao mundo relativamente estável do fordismo padronizado), o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva (HARVEY, 1992, p. 151).

Sabemos que as novas exigências influenciam todos os setores sociais, inclusive a educação. Não nos deparamos mais com uma realidade que requer o ensino mecânico, pautado na reprodução do conhecimento e da técnica. No modelo Fordista, a escola era concebida como uma fábrica de montagem. Na parte técnica existia a estrutura



de fiscalização constituída pelos diretores, supervisores que a partir do planejamento constatavam se a produção seria efetivada com sucesso, na parte pedagógica, os professores deveriam reproduzir o conteúdo e os alunos assimilariam, se isso não ocorresse, os discentes eram punidos com a repetência.

Apesar das várias críticas e da necessidade de mudanças em decorrência da contemporaneidade, esse modelo é reproduzido nas escolas atuais. Na maioria delas o conhecimento é visto como algo pronto e acabado, os procedimentos pedagógicos estão pautados na transmissão do conteúdo de forma mecânica, não visualizando a função que o ambiente escolar tem na atualidade.

A crítica a este modelo se dá por apresentar uma sistemática rígida de currículos e horários que impossibilita a interdisciplinaridade do conhecimento. Esse tipo de formação prepara o indivíduo apenas para a mera execução de tarefas, desconsiderando as experiências e interesses dos alunos e impossibilita de ingressar no mercado de trabalho que exige mão-de-obra qualificada e distinta dos padrões tradicionais.

É evidente que as exigências do mercado produtivo influenciam a escola, pois requer dessa, mão-de-obra condizente com suas exigências. A educação é garantida por Lei, a nossa Constituição Federal determina independente da idade, o acesso de todos. Diante disso, há a necessidade de inserção dos indivíduos dentro do âmbito escolar, desde a idade regular de ensino até aqueles que estão em idade mais avançada ao nível exigido pelo sistema escolar. Da mesma forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) estabelece:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (...)

VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (LDB, 1996, 2007).

De tal modo, a educação atende as propostas de globalização atendendo as perspectivas contemporâneas e a necessidade efetiva do discurso de inserir as pessoas no contexto escolar a fim de oportunizar melhores condições de vida.

Passamos de uma sociedade industrial que necessitava de mão-de-obra especializada em operacionalizar máquinas para uma sociedade informatizada que requer habilidades mais cognitivas que técnicas. Ela deve preparar os indivíduos para a vida a fim de introduzi-los no contexto social de forma crítica e participativa.

Na sociedade contemporânea a aquisição das informações é fácil, entretanto é essencial estruturá-las logicamente permitindo a reflexão dos pontos negativos e positivos. Essa sistematização é mediada no espaço escola como forma de (re) construção de conceitos e visões que se apresentam dicotômicas.



Nesse contexto, o professor assume o papel de mediador da aprendizagem desenvolvendo métodos e técnicas que viabilizam o processo de aprendizagem e a escola é um ambiente essencial para o desenvolvimento consciente do conhecimento.

Ora, a inserção das tecnologias da informação e comunicação na escola não é algo novo, percebe-se ao longo dos anos a inserção gradual e lenta de instrumentos que possibilitam a mediação do ensino, o quadro, o giz, o livro didático, etc, que permitiram dentro do seu contexto histórico uma verdadeira inovação para o processo de ensino aprendizagem.

A cada período percebemos o desenvolvimento tecnológico, por isso não é concebível que a escola não esteja em sintonia com essa difusão, ela é um ambiente proporcionador de discussão, reflexão, construção e troca de conhecimento. Neste espaço, a aprendizagem se efetiva a partir do engajamento de todos que a compõe: gestor, equipe pedagógica e técnica, professores, alunos e comunidade. Os anseios sociais, os avanços tecnológicos, as temáticas cotidianas não podem ficar fora dos muros das escolas, estas devem estar aberta às aspirações atuais.

Dentro de todos os padrões educativos instituídos ao longo da história educacional, a comunicação é um fator preponderante para a transmissão do conhecimento. Linhares (2007) afirma que

a escola foi, por muito tempo, considerada como espaço privilegiado de acesso ao conhecimento. Este, muitas vezes estático, reproduzido e sem vida, voltado para um objetivo – o trabalho, ou uma certa concepção de trabalho que respondesse às necessidades do capitalismo nascente em suas primeiras fases de expansão. Passa a ser vista como um armazém de conceitos científicos secularmente produzidos e estocados, defensora dos princípios pragmáticos da racionalidade técnica [...] (LINHARES, 2007, p. 21).

Linhares (2007, p. 22) prossegue afirmando que para entendermos a escola dentro de sua complexidade faz-se necessário analisar as relações entre seus pares “como um processo de comunicação”. Esse gerado através do intercâmbio tecnológico, do contato entre os indivíduos e das formas de assimilação e produção do conhecimento.

Assim, visualizando a sociedade contemporânea, percebe-se que as informações não estão restritas ao espaço escolar, o acesso a diversas mídias permite o contato dos alunos com uma infinidade de informações rápidas e inconstantes. Esse direcionamento distinto na forma de absorção possibilita amplos olhares e discussões constantes no âmbito escolar.

Assim, passam a convergir, na sala de aula, dinâmicas diversificadas, que apresentam novos desafios pedagógicos com o objetivo de ajudar o aluno a organizar um universo muito mais intensivo em conhecimentos desarticulados. A própria tarefa pedagógica, na sala de aula, desloca-se de uma função de transmissão de informação para

uma função em que o professor passa a ordenar uma sobrecarga de informações dispersas.

Sabemos que as tecnologias em si não são ruins e que fazer mais coisas com menor esforço é positivo. Porém, utilizar as tecnologias sem a educação, o conhecimento e a sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento nos induz apenas a cometer mais rapidamente e em maior escala os mesmos erros. (DOROCINSKI, 2002).

E, diante dessa abundância de informações, há uma preocupação com a forma de obtenção do conhecimento, este passa a ser prioridade no cenário atual, pois é a partir de como ele é adquirido, processado e refletido que os indivíduos preparam-se para a inserção social. Essa nova forma de acesso à informação requer mudanças de paradigmas por parte da escola.

Para transformar esse ambiente estanque defende-se o intercâmbio entre as disciplinas permitindo a articulação entre o conhecimento científico e a preparação do indivíduo ao pensamento lógico. Além de possibilitar o diálogo entre os professores, o envolvimento em projetos comuns e a construção conjunta do conhecimento e das melhores formas de possibilitar a aprendizagem.

Certamente, a educação terá de enfrentar o desafio da mudança se quiser sobreviver e, para tanto, deverá rever o significado social do trabalho escolar na época atual, equacionando corretamente as novas demandas e avaliando a sua eficácia para proporcionar melhor qualidade de vida a todos os homens. Essas mudanças devem considerar os diferentes tipos de demandas e expectativas colocadas para a educação: de um lado, atender às modernas exigências econômicas e sociais decorrentes da expansão do mercado e da globalização; de outro, possibilitar a reconstrução de culturas nacionais e locais, preparando os jovens para uma participação efetiva no social (VIEIRA, 2003, p. 29).

A escola é o centro de discussão das novas perspectivas de comunicação. A sociedade contemporânea é repleta de códigos que precisam ser interpretados e os aparatos tecnológicos² oferecem novas perspectivas da linguagem.

Dentro desse novo contexto, faz-se necessário pensar o papel dos agentes constituintes da escola, analisar as novas perspectivas e as transformações esperadas com o intuito de promover transformações eficazes dentro da sociedade. Iniciaremos por repensar a escola e sua função social.

A escola é a instituição responsável pela realização dos objetivos e metas do sistema educativo. Por isso, que se defende autonomia, projeto pedagógico, gestão centrada na escola, avaliação institucional. Ela passa a ser vista como um espaço onde

2 Para conhecer como o autor apresenta o processo de apropriação das tecnologias no âmbito escolar tendo em vista os elementos fundamentais para que isso ocorra consultar: VIEIRA, Alexandre Thomaz. Et. All. Gestão educacional e tecnologia. São Paulo: Avercamp, 2003.

as possibilidades podem ser trabalhadas, um lugar de decisões educativas, curriculares e pedagógicas necessárias à efetivação do projeto de construção do cidadão brasileiro.

Destarte, os papéis que antes estavam definidos assumem novas posturas e redirecionamento apontando a necessidade de mudança de mentalidade, de atitudes. A escola na sociedade atual assume o papel complexo de formar o cidadão em todas as esferas: social, psicológica, mercadológica, cognitiva, etc. O principal intuito passa a ser a inserção do indivíduo no âmbito social diante dos avanços e mudanças desenvolvendo a autonomia, a capacidade de pensar, criar e aprender a aprender.

O aluno sai da passividade e adquire competências e habilidades que lhe permite resolver problemas complexos, mesmo fora do âmbito escolar. Para isso, é preciso trabalhar as informações adquiridas a fim de que se tornem realmente conhecimento, este só é produzido a partir do momento que a informação é aplicada na resolução de problemas e na reflexão das soluções.

Quando lançamos uma pedra nas águas calmas de um rio, formam-se círculos cada vez mais amplos. Fazendo uma analogia, entendemos as tecnologias do conhecimento como elemento transformador em que se deslocam as formas de o aluno acessar e organizar o seu universo de informação. Espaços diversificados de conhecimento – a televisão, a internet, os vídeos, a imprensa, a própria publicidade – passam a disputar a atenção do aluno, freqüentemente desorientado diante do caos informativo gerado. (DOROCINSKI, 2002).

É, portanto, papel da escola trabalhar as informações obtidas fora do seu âmbito e contribuir para a interpretação condizente. Cabe, acabar com fórmulas prontas de ensino que primam pela repetição dos conteúdos e criar alternativas que desenvolvam o cognitivo dos alunos a partir da reflexão e compreensão dos significados embutidos nas informações transmitidas, trabalhando-as de forma inovadora e criativa com o propósito de propiciar a construção do conhecimento.

Por isso, é fundamental pensar o currículo, adequando-o a fim de proporcionar a relação entre o indivíduo e o meio ambiente, pelo qual o mesmo sinte-se parte integrante de sua realidade. Deste modo, é necessário que teoria e prática estejam associadas, ambas não funcionam distintamente e a valorização do cotidiano é essencial para manter esse diálogo.

O currículo deve valorizar os estágios cognitivos, as necessidades de aprendizagem e a introdução das tecnologias. Ele deve ser flexível a fim de integrar diversas formas de aprendizagem, pelas quais a escola deixa de ser transmissora de conhecimento e passa a ser local de construção coletiva.

Assim,

nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc), e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente e darem a ela um significado pessoal. Para isso, cabe-lhe prover a formação cultural básica, assentada no desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. Trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações mas, principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para aceder ao conhecimento. A escola fará, assim, uma síntese entre a cultura formal (dos conhecimentos sistematizados) e a cultura experienciada. Por isso, é necessário que proporcione não só o domínio de linguagens para busca da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informações com a de produzi-la, a partir do aluno como sujeito do seu próprio conhecimento (LIBÂNEO, 2007, p. 27).

Para isso, é necessário mudar de mentalidade e passar a enfrentar as transformações de forma reflexiva, já que a escola é também um ambiente de aprendizagem do professor que lhe oferece amplas possibilidades.

É notório que atualmente o ensino tem sido afetado por uma série de mudanças estruturais, vários fatores contribuem para isso. As escolas precisam enfrentar essas transformações por meio de uma organização escolar que se encaixe nas mudanças, encarando-as como meio de desenvolvimento. A escola deve estar aberta às mudanças, mas é fundamental destacar que elas só ocorrem se forem administradas por todos os agentes escolares.

Contudo para efetivar as transformações faz-se necessário a ação e a reflexão em conjunto, são os profissionais críticos e reflexivos, capazes de encarar e absorver as mudanças como aprimoramento profissional, crescimento e efetivação dos reais propósitos do papel da escola na sociedade do conhecimento.

Sendo assim, “a função e o sentido do ensino residem e articulam-se ao papel e à função da escola e a esse também o papel e a função do professor. Tirar o ensino da relação pedagógica é subtrair o professor do seu sentido de existir na instituição educativa, seja ela de que nível for” (MIGUEL; CORRÊA, 2005, p. 280).

Cabe a todos que estão envolvidos no gerenciamento pedagógico e administrativo à organização do trabalho escolar voltado para uma formação crítica, pelo qual a discussão será o elemento fundamental na sua execução.

Outro elemento fundamental é a gestão escolar que também deverá estar apta a receber e incentivar o ambiente escolar para o uso da tecnologia da informação e comunicação. Alonso (2003) afirma:

assim sendo, é de fundamental o desenvolvimento de uma consciência crítica coletiva dos gestores educacionais em diferentes níveis, no sentido de trabalharem juntos e de forma organizada para o encaminhamento de novas e profundas mudanças nas escolas e nos processos educativos que lhes competem. [...] as aulas de 50 minutos, o pensar e o fazer dissociados, professores e coordenação/direção não compartilhando de disciplina com classes em total silêncio, as relações de troca e o individualismo entre professores, ou seja, a estrutura organizacional da escola ainda não mudou, ou melhor, mudou muito pouco, na tentativa de superar seu passado de reprodução acrítica das relações socioeconômicas existentes. (ALONSO, 2003, p. 37, 41).

É emergente a integração de todos os membros da escola com o intuito de promover essas mudanças. Como vimos, a escola e o professor devem assumir uma postura diferenciada frente ao novo cenário social. Mas, o ambiente escolar não se restringe aos dois elementos, têm o gestor que desempenha também uma função primordial no âmbito administrativo escolar.

as relações entre as pessoas nas diferentes situações educacionais orientam-se pelos princípios de co-responsabilidade, parceria, colaboração, interação, solução de problemas em comum, diálogo, aproximação de todos os interessados e envolvidos nas situações, valorização e socialização das experiências e conhecimentos individuais (MASETTO, 2003, p. 74).

E dentro das novas perspectivas tem que se transformar para possibilitar que as inovações se insiram na escola de maneira inovadora e criativa. A escola não é formada apenas por professores e alunos, existe uma estrutura organizacional encarregada de fazer com que outros âmbitos funcionem. A gestão escolar também é influenciada pelo cenário atual, mas alguns problemas dificultam o apoio do gestor para o uso das tecnologias no ambiente escolar: a dicotomia entre o pedagógico e o administrativo; a exigência do cumprimento dos processos burocráticos.

No entanto, é preciso que os dirigentes assumam uma postura de mudanças, a partir de uma perspectiva criativa, dinâmica, interativa, ética e aberta tecnologicamente. O gestor visualizará as tecnologias como uma ferramenta viável para o trabalho administrativo e pedagógico. É, pois dentro do novo contexto que essa estrutura deve ampliar sua atuação, sem restringir-se a sua área específica. Assim, esta deve voltar-se para uma administração envolvida com o contexto possibilitando a flexibilidade do espaço e a abertura do leque de atuações na escola.

É primordial a instituição de um ambiente propício ao repensar a atuação da gestão de modo a incorporar as tecnologias da informação e comunicação tanto para agilizar o trabalho administrativo como incentivar o pedagógico.

Cabe também a gestão utilizar os meios para facilitar os processos de aprendizagem buscando constantemente instrumentos inovadores de ensino aprendizagem. Para isso, é primordial o trabalho em grupo, envolvendo seus membros em projetos dinâmicos que vão além do seu papel de comando. Outro fator preponderante é a integração de todos para que a real função da escola seja efetivada.

Quando refletimos sobre o papel do gestor educacional, tendo em vista a criação de um ambiente aberto para o conhecimento (em contínua evolução), cujos professores, funcionários, alunos e comunidade escolar sejam os principais focos de atenção, visando mantê-los engajados na aplicação crítica de novos conhecimentos e tecnologias emergentes, percebemos a importância das atividades de criação de um sentido coletivo, de unidade, em torno do projeto político-pedagógico da escola e a necessidade de articulação constante sobre o dilema: formar alunos adaptados e preparados para viver na sociedade atual e futura ou formar alunos para adaptar a sociedade atual e futura às necessidades éticas e cidadãs necessárias para a sobrevivência dos seres humanos e do próprio planeta? (ALONSO, 2003, p. 44).

Como podemos observar, o espaço escolar é um cenário de possibilidades e de transformações, todos os membros tem um papel essencial na formação dos alunos e todos devem estar engajados no projeto de inserção desses no contexto contemporâneo.

Para isso, é necessário se despir de velhos paradigmas enraizados na escola. Estar aberto para as demandas sociais, para os novos conceitos que possibilita uma visão mais acurada das reais necessidades da sociedade. Além de mudança³ de mentalidade é preciso transformar a estrutura e a organização da escola, pois:

as mudanças na educação dependem também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico, além das empresariais ligadas ao lucro; que apoiem os professores inovadores, que equilibrem o gerenciamento empresarial, tecnológico e o humano, contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação (MORAN, 2000, p. 17).

O termo integração é a palavra-chave para os autores, a gestão envolvida com todos os setores possibilita a ampliação das ações empreendidas direcionando medidas que permitem o uso das tecnologias de forma condizente, tanto a nível administrativo como pedagógico. Exige-se, portanto, nesse contexto a formação de profissionais ativos, docente, e gestores capazes de promover e conduzir as mudanças necessárias.

3 Além dessa obra que discute sobre várias óticas o uso das tecnologias na escola, o autor tem vários artigos publicados na WEB. Ele enfoca temas bastante interessantes para o gestor e o professor de Jovens e Adultos que pretendem mudar sua atitude perante a adoção dos instrumentos tecnológicos na escola. MORAN, Manuel José, et. All. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000.

A discussão acerca da viabilidade do uso das tecnologias na escola tanto para auxiliar o administrativo como o pedagógico precisa de gerenciamento, de organização, sistematização e principalmente do engajamento dos membros da escola. De nada servirá a inserção das tecnologias se forem usadas de qualquer forma, elas por si só não surtem efeito algum é preciso o direcionamento adequado.

Por meio dos programas de computadores a escola poderá montar espaços de interação e integração. Como vimos, a nível administrativo e pedagógico o computador possibilita a viabilidade dos processos, mas como utilizar os softwares para propiciar o intercâmbio.

Os cursos de formação de professores necessitam visualizar essa nova demanda e proporcionar uma formação condizente com as exigências de mudanças, essas visam, portanto a instrumentalização do docente para o uso das tecnologias no espaço escolar como forma de dinamizar e contribuir para o ensino.

O que percebemos no contexto escolar é o despreparo dos profissionais para a utilização das tecnologias. Muitos não lidam com os instrumentos tecnológicos por que desconhecem como funcionam e muitas vezes ignoram por que é mais cômodo trabalhar com o mesmo. Essa postura de comodismo retarda o desenvolvimento da escola. Além disso, muitos dos profissionais da educação não tiveram em seu curso de formação para professor disciplinas que contemplassem a instrumentalização para o uso das tecnologias em sala de aula.

Sabemos que cabem aos cursos de formação de professores prepararem os profissionais para a atuação docente e são fundamentais disciplinas que contemplem as tecnologias da informação e comunicação. O ensino superior deve promover uma educação adequada desenvolvendo habilidades e competências que prepare o docente de forma eficaz para a atuação no mercado de trabalho.

Instrumentalizado, o professor pode desenvolver-se e integrar o uso das ferramentas em sua prática pedagógica encarando-as como instrumentos facilitadores da aprendizagem. Preparar-se de forma teórica e prática é fundamental para abrir os horizontes proporcionadores de mudanças no contexto educacional. O curso não pode limitar-se ao âmbito da aplicação da sala de aula, deve discutir sobre as diversas possibilidades pedagógicas e administrativas do uso das tecnologias da informação e comunicação.

É preciso se atentar também que o professor deve conhecer as condições sociais, organizacionais, administrativas e pedagógico-didáticas da escola, para assim poder influir nas decisões e também participar na gestão escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabeth de Almeida. **Informática e formação de professores**. SEED, 2000.

DOROCINSKI, Solange Inês. **A resignificação das tecnologias educativas**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.55-65, jul. 2001-jul. 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2004.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96).

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 10ª ed., São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **Gestão em comunicação e educação**: o audiovisual no espaço escolar. Maceió: UFAL, 2007.

MIGUEL, Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **A educação escolar em perspectiva histórica**. Campinas/São Paulo: Autores Associados, 2005.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias**. IV Congresso RIBIE, Universidade Federal de Alagoas, 1998.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. **O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. Disponível in: www.eca.usp.br/prof/moran, acessado em 25/08/2007.

OROFINO, Isabel Maria. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: 2005.

Plano Nacional de Educação Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010. Disponível in: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>, acesso em 15/10/2010.

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002. Disponível in: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf, acesso em 08/09/2010.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo Pacto Educativo**. São Paulo: Ática, 2004.

VIEIRA, Alexandre Thomaz (Org.) **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2005.

VILLARDI, Raquel e OLIVEIRA, Eloiza Gomes de. **Tecnologia na educação**: uma perspectiva sócio-interacionista. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.